

**Não é por medo da guerra que António e Augusta (na foto) vivem num parque de estacionamento subterrâneo em Coimbra. É porque não têm outro sítio onde morar.**



# Eles vivem num bunker

ANTÓNIO Figueiredo e Maria Augusta não têm casa, nem dinheiro para alugar uma, nem há quem lhes arranje um tecto. A casa onde viveram, clandestinamente, até há cerca de um ano, foi demolida. Sem alternativa, foram abrigar-se no parque de estacionamento subterrâneo do edifício-sede do Centro Regional de Segurança Social (CRSS) em Coimbra.

No edifício, trabalham as assistentes sociais que se têm encarregado do caso destes dois seres que vivem da mendicância. O edifício é novo, mas a cave parece ter já dezenas de anos: deita um cheiro nauseabundo, de estontear.

O parque funciona como vestíbulo de acesso ao parque restrito dos funcionários do Centro e qualquer pessoa lá consegue entrar: há quem o use como parque de estacionamento de recurso, para amores breves e furtivos, para satisfazer necessidades fisiológicas.

António queixava-se das visitas de alguns meliantes, que já por duas vezes o sovaram. Ele pouco pode fazer. Tem uma perna paralisada por um tiro disparado por um tio da sua companhia, já há alguns anos.

Diz-nos que são visitados por energúmenos que querem violar a Maria Augusta. Para se defender, tem uma serra velha, toda enferrujada, com um punho feito de sacos de plástico. A mulher, essa defende-se com garrafas.

De dia, quando vão pedir, roubam-lhes os cobertores e vasculham os seus pertences, em busca de algum dinheiro escondido — lamentam.

Ao lado do colchão, um penico, para as necessidades nocturnas. Mais ao fundo, um amontoado de lixo, produzido por eles e por pessoas que usam o parque como vazadouro. De noite, alumiam-se com velas, e com a luz dos faróis dos carros que por ali passam. Água, vão buscá-la à linha férrea, a umas centenas de metros. «Para tomarmos banho, enquanto um se lava o outro segura num cobertor, para tapar. Depois trocamos».

Habitualmente, comem pão e fruta, que compram com o dinheiro das esmolas. Quando têm com quê, vêm cá para fora cozinhar. «Fazemos uma fogueira aqui, à frente do edifício. Cá dentro não nos deixam cozinhar. Um dia, pegou-se

fogo ao lixo e mandaram cá a Polícia».

Lídia Morgado, chefe da divisão de acção social do CRSS disse ao «T&Q» que tem conhecimento da situação: «O sr. presidente do Centro já por mais de uma vez me pediu para os tirarmos de lá. Cheguei, inclusive, a chamar a Polícia, mas eles dizem que nada podem fazer, pois o casal recusa-se a abandonar o parque de estacionamento».

Foram várias as tentativas para resolver o problema, mas «em Poiares, ou mesmo em Coimbra, ninguém lhes quer alugar uma casa. E a presença deles numa instituição de solidariedade social seria extremamente perturbadora».

Augusto é de Tondela, ela de Sobral Magro. Tem 40 anos e era ajudante de pedreiro, antes de ter levado o tal tiro. Maria Augusta tem 33 anos. Vivem «amigados». Já pensaram em casar por várias vezes. E também queriam baptizar os filhos, Margarete e José António...

Mas os filhos já não estão com eles há muito. «Foram as senhoras da segurança social que os raptaram. O

José António está há três anos na Obra do Padre Serra, aqui em Coimbra, mas da Margarete não sabemos nada. A minha mulher foi internada no Sobral Cid, por ter tido uns problemas da cabeça. Puseram-nos a menina no Centro Social de Condelxa. Mas quando a minha mulher teve alta e foi buscar a menina já a tinham levado, não sabemos para onde», relata António.

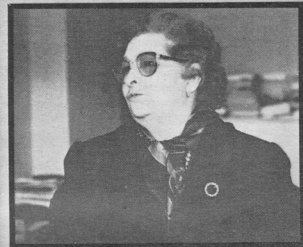
As técnicas da segurança social revelaram-nos que conhecem o paradeiro da criança, mas preferem não o revelar, por indicação do juiz da comarca.

António Figueiredo diz que já se dirigiu algumas vezes a jornais da cidade, pedindo para publicarem um anúncio gratuito, inquirindo do paradeiro de Margarete. Mas, segundo ele, ninguém teve a generosidade de oferecer a publicação. «Sofremos muito por não sabermos nada da nossa filha».

E, debaixo do colchão, desenterram uma foto de Margarete ao colo da mãe, na Maternidade Bissaya Barreto, três dias depois de vir a este mundo.

DINIS ALVES ■

# E tudo o PREC levou...



QUANDO, em 1974, Maria Margarida Gouveia Leão (na foto) herdou dos pais a Tipografia Leonesa e uma papelaria com o mesmo nome, ambas no coração do Porto, estava longe de pensar que, no Verão seguinte, seria espoliada de toda a sua fortuna, hoje avaliada em 400 mil contos e que hoje, com 64 anos, estaria na miséria.

O caso começou assim: «Nos fins de Abril de 1975 tive de dizer aos oito empregados da papelaria que não tinha dinheiro que chegasse para o total dos ordenados, pedindo-lhes, por isso, que esperassem uma semana pelos restantes 500 escudos. Todos disseram que sim».

Porém, dias depois, foi chamada à delegação portuguesa do Ministério do Trabalho. Ela conta: «Fui recebida por um funcionário superior, de nome Goiana Mesquita, que foi dizendo, aos gritos: «Se não tem dinheiro também não pode gerir, sua fascista, sua puta!» Anunciou-me, então, que constituía uma comissão de gestão para a Papelaria Leonesa de que eu faria parte e quatro trabalhadores, cujos nomes chegavam para obrigar a empresa».

Um mês depois, a situação repetiu-se na tipografia, bem equipada e com mais de duas dezenas de trabalhadores.

A patroa, segundo conta, passou a ter de se sujeitar às decisões dos «novos patrões»: «O que ali passei é todo um rosário dramático que não pretendo recordar». Quatro dias antes do 25 de Novembro, partiu para o Brasil.

Fez rendas, vendeu rissóis, trabalhou como mulher a dias. Ao fim de um e meio quis regressar, mas não tinha dinheiro. Socorreu-se de artigos de prata que tinha deixado em mãos amigas em Portugal e que, a valores de hoje, avalia em 15 mil contos. Mandou que fosse entregue a um usurário como penhor de um empréstimo de 120 contos por um ano. Também nunca mais as viu.

Ao longo dos últimos 10 anos, Margarida Leão fez o que pôde para reaver a tipografia, a papelaria e as pratas. Em vão. A máquina da justiça não anda sem dinheiro e, dinheiro, ela não o tem.

A sua última esperança reside numa intervenção superior em sua defesa: «Será que o primeiro-ministro não vai intervir? E o actual ministro do Trabalho, ficará de braços cruzados?»

ALFREDO MOURÃO ■

**CALÇADA DE SÃO FRANCISCO**  
(A Rua da Conceição)  
Linha dos Eléctricos  
Em plena Baixa)

**COMPRAMOS**  
OURO - PRATAS - JÓIAS - MOEDAS - ANTIGUIDADES  
MÓVEIS - RECHEIOS DE CASA - CAUTELAS - PENHOR

VIÚVA DE A. AFONSO DE CASTRO, LD.ª  
Gerência de António Pina  
Calçada de São Francisco, n.º 17  
Loja - 1200 Lisboa  
Tel. 346 73 82 e 342 12 69